

Adriana Pereira Campos

Universidade Federal do Espírito
Santo (UFES), Vitória, ES, Brasil.
acampos.vix@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-2563-4021>

“Nada do que é humano me é estranho”: considerações sobre os ameríndios por Antonio Pires da Silva Pontes Paes e Leme

“Nothing That is Human is
Foreign to Me”: Considerations
on Indigenous People by Antonio
Pires da Silva Pontes Paes e
Leme

Resumo: O documento transcrito contém uma palestra do geógrafo Antônio Pires da Silva Pontes na Academia Real de Ciências de Lisboa datada de 1792. O geógrafo apresentou várias críticas à governança dos ameríndios. Além disso, ele expôs importantes conceitos sobre natureza humana, nação portuguesa, ciência e, sobretudo, o bom governo dos índios americanos.

Palavras-chave: Antonio Pires da Silva Pontes; Academia Real de Lisboa; Ameríndios.

Abstract: The transcribed document contains a lecture by the geographer Antônio Pires da Silva Pontes at the Royal Academy of Sciences in Lisbon in 1792. The geographer presented several criticisms of indigenous peoples' governance in Portuguese America. In addition, he exposed essential concepts about human nature, the Portuguese nation, science, and, above all, the good government of American Indians.

Keywords: Antonio Pires da Silva Pontes; Royal Academy of Sciences of Lisbon; indigenous people.

Resolvi intitular este artigo com a tradução da citação em latim que encerra as memórias sobre os “homens selvagens da América” de autoria do geógrafo Antônio Pires da Silva Pontes Leme, datada de 1792, e entregues à Academia Real de Ciências de Lisboa, doravante chamada nesta introdução de CRL. A frase constitui-se num adágio que sintetiza a discussão levada por Pontes aos sócios da agremiação sobre a natureza das relações entre portugueses e ameríndios.

Propus-me a transcrever o documento porque Silva Pontes reúne qualidades intelectuais que servem ao propósito de se conhecer um pouco as ideias sobre os ameríndios em circulação no reino de Portugal. E, ainda mais, proporciona acessar as formulações de um brasílico sobre o tema. Nas memórias, Silva Pontes disserta sobre os equívocos da governança dos naturais na América portuguesa.

Como cientista, a palestra do geógrafo contém diversos conceitos sobre a natureza humana, nação portuguesa, ciência e, sobretudo, o bom governo dos índios americanos. Sem dúvida, a transcrição possui valor e pode ser explorada de diferentes maneiras. A seguir, apresentam-se algumas informações sobre o autor e o conteúdo do texto para auxiliar o leitor.

Homo sum nihil humanum a me alienum

O título em latim deste subitem reproduz adágio citado nas Memórias de Silva Pontes. A frase pertence ao poeta e dramaturgo Publio Terêncio Afro do século II a. C e consta na comédia intitulada *O punidor de si mesmo* (*Heauton timorumenos*)¹. Eckard Lefèvre² explica que a peça aborda intrigas familiares sobre a vida amorosa dos filhos de dois vizinhos, Menedemus e Chremes, que se apaixonaram por diferentes mulheres. Na trama, Chremes critica o radicalismo de Menedemus na repreensão do filho Clinia, mas quando seu próprio filho enfrentou situação semelhante, ele foi tão radical quanto o vizinho. Da contradição advém o aforismo “Nada do que é humano me é estranho” somado a um segundo, “Não é necessário que você dê conselhos aos outros, se não puder ajudar a si mesmo”³.

O recurso retórico aos clássicos da Antiguidade aparece em diversas partes das memórias. Na folha 2, logo após a capa das Memórias, Silva Pontes utiliza uma citação abreviada de Virgílio, em

¹ Não se aborda o problema da autoria, conferir em H.D. Jocelyn. “Homo sum: humani nil a me alienum puto (Terence, *Heauton timorumenos* 77)”. *Antichthon*, 7 (1973), pp. 14-46.

² Eckard Lefèvre. “*Heauton Timorumenos*”, in: Antony Augoustakis, Ariana Traill, John E. Thorburn (org.). *A companion to Terence*. Oxford, UK/Malden, USA: Wiley-Blackwell, 2013, pp. 243-261.

³ H.D. Jocelyn. “Homo sum”, *op. cit.*, p. 25.

Eneida: *Saevis periculis / Servati facimus*. A frase completa, segundo Manoel Mendes⁴, pode ser traduzida como “De cruéis perigos, hóspede Troiano, salvos, fazemos e renovamos merecidas honras”. A frase, portanto, pode ser traduzida como – salvos de cruéis perigos. Este e os demais apotegmas alertam para os problemas em relação ao tratamento dispensado aos ameríndios pelos governantes portugueses. Curiosamente, Silva Pontes se tornaria governador da capitania do Espírito em futuro próximo (nomeação em 1798 e posse em 1800), mas, em 1792, lançava críticas aos regentes de unidades políticas da América portuguesa.

O documento transcrito intitula-se “*Memoria sobre os Homens Selvagens da America Meridional, que serve de introduçam ás viagens de Antonio Pires da Silva Pontes Leme Prim.^{ro} Ten.^{te} do Mar da Armada Real, Doutor e Astronomo, e Correspondente da Real Academia de Lisboa*”. A memória encontra-se guardada na Academia de Ciências de Lisboa, catalogado no Fundo Geral. Heloísa Bellotto⁵ incluiu o texto de Pontes entre outros sete que discutem os “indígenas”, entre os quais, cinco são de autoria do padre Antonio Vieira e um anônimo intitulado *Dicionário de língua falada por índios do Brasil* [...].

O que eram memórias no contexto da ACL? Em primeiro, deve-se pontuar que houve importante renovação do conhecimento em Portugal na segunda metade do século XVIII, com o protagonismo de cientistas e instituições. Em segundo, a coroa portuguesa foi grande patrocinadora desse movimento de renovação, especialmente, de instituições de caráter científico⁶. A fim de fortalecer a iniciativa, instituíram-se diversas associações de caráter científico como museus de história natural, jardins botânicos, gabinetes e laboratórios para inventariar objetos da natureza⁷. A Academia Real de Ciências de Lisboa emerge nesse momento de grande atenção às ciências, em 1783⁸.

⁴ Públio Virgílio Marão. *Eneida = Æneis*. Tradução didática e homossilábica em versos brancos, metrificados, com introdução e notas de João Carlos de Melo Mota; revisão de tradução Guilherme Gontijo Flores. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2022, p. 262.

⁵ Heloísa Liberalli Bellotto. “Presença do Brasil no Arquivo da Academia das Ciências de Lisboa: Catálogo Seletivo da Série Azul de Manuscritos”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 33 (1992), pp. 165–189.

⁶ Ângela Domingues. “Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império português em finais do Setecentos”. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, 8 (2001), pp. 823–838.

⁷ Angélica Ricci Camargo. *Projeto de alvará de 13 de maio de 1803: uma tentativa ilustrada de reforma das minas do Brasil*. MAPA - Memória da administração pública brasileira: Ministério da Justiça/Arquivo Nacional, s/d. p. 4. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/images/publicacoes/ProjetoAlvara/files/assets/common/downloads/publication.pdf> Acesso em 26 mar. 2024.

⁸ A Academia Real de Ciências de Lisboa - CRL sucedeu, em 1783, a Academia de Ciências de Lisboa, criada em 1779. Cf. Angélica Ricci Camargo. *Projeto de alvará, op. cit.*

Péricles Lima⁹ explica que nos “salões da Academia dissertaram políticos e cientistas, os quais versavam sobre assuntos relacionados com práticas agrícolas, exploração de minas ou utilização de matérias vegetais”. As “memórias”, como intitulada por Silva Pontes, constituíam-se em relatos dirigidos aos sócios da Academia e não se referiam a fatos do passado, mas a observações com base científica. Em realidade, Pontes foi autor de outras memórias, todas com o caráter de observações acadêmicas¹⁰.

Da leitura do manuscrito, inferiu-se tratar de uma palestra do geógrafo, pois ele inicia o texto com a seguinte assertiva: “Hoje q.^e pella ves primr.^a tenho a honra de falar nesta Ilustre Companhia dos mais apreciaveis Individuos de hua Nação Espiritual, e seja-me permitido reflectir perante hua sociedade tal, e q’ [...]”¹¹. O manuscrito possui várias marcas de inclusão e exclusão de palavras, como se o autor quisesse enfatizar mais algumas ideias e atenuar outras. Se a palestra foi proferida, o auditório compunha-se, como alude o texto, de associados da Academia Real de Ciências, uma agremiação cujo primeiro estatuto data de 24 de dezembro de 1779, hoje chamada de Academia de Ciências de Lisboa¹², que objetivava institucionalizar a modernidade científica em Portugal¹³. Não foi possível, porém, determinar se a palestra foi efetuada, apenas que o texto data de 1792.

⁹ Péricles Pedrosa Lima. *Homens de ciência a serviço da coroa: os intelectuais do Brasil na Academia Real de Ciências de Lisboa - 1779/1822*. Mestrado em História dos Descobrimentos e da Expansão, Universidade de Lisboa, 2009.

¹⁰ Antonio Pires da Silva Pontes Leme. *Breve diário ou memória do Rio Branco e de outros que nelle desagoão, consequente diligencia, e Mappa que deste Rio se fez no ano de 1781*. S. l., 1781 (Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Ms. I-11, 1, 1, 20, disponível em http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=62185); Antonio Pires da Silva Pontes Leme. *Memoria Phisico-Geografica acompanhada de hum plano das Lagoas de Gayva Uberava e Mandiorem q offerece ao Snr. D.^{or} Alex.^e Rodrigues Ferr.^a Naturalista a serv.^o de S. Mag.^e por seo Condiscipulo e Cr.^o obr.^{mo} D. Pontes*. S. l., 29 maio 1790; Antonio Pires da Silva Pontes [Leme]. *Pré-memória do governandor Antonio Pires da Silva Pontes*. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 1999; e Antonio Pires da Silva Pontes Leme. “Memoria sobre a utilidade publica em se extrair o ouro das minas e os motivos dos poucos interesses que fazem os particulares, que minerão igualmente no Brazil”. *Revista do Arquivo Mineiro*, 1-3 (1896), pp. 417-426.

¹¹ Antonio Pires da Silva Pontes Leme. *Memoria sobre os homens selvagens da America Meridional, que serve de introduçam ás viagens*. Lisboa: Academia Real de Ciência, 1792, f. 3.

¹² “Fundada em 1779, a ACL mantém atividades ininterruptas de promoção, divulgação e partilha de conhecimento nos domínios das ciências e humanidades. Conserva e valoriza o riquíssimo património à sua guarda, disponibilizando as suas coleções em acesso aberto. Inscreve na sua missão o aconselhamento científico independente em matérias cruciais para o desenvolvimento do país”. In Academia das Ciências de Lisboa. Disponível em: <https://www.acad-ciencias.pt/> Acesso em 5 de mar. 2024.

¹³ Ana Cristina Araújo. *O marquês de Pombal e a universidade*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2000, p. 4. Joel Serrão. *Pequeno dicionário de história de Portugal*. Porto: Figueirinhas, 2004, p. 14. Ver site: <https://www.acad-ciencias.pt/academia/historia-da-academia/>

Antônio Pires da Silva Pontes Leme nasceu em Mariana (Minas Gerais) e era filho de José Pontes de Carvalho, natural da capitania de S. Paulo, Cavalheiro Professor da Ordem de Cristo, capitão mor da cidade de Mariana, guarda mor das Minas do Inficionado e Catas Altas e senhor de muitas lavras. Sua mãe era d. Mariana Dias Paes Leme, irmã do desembargador José Pires Monteiro, que faleceu conservador da Universidade de Coimbra, e do Doutor Francisco Paes de Oliveira Leite, guarda mor das Minas de Villa Rica e senhor de uma opulenta casa com lavras e escravatura. Ele descendia por parte de pai das famílias Pontes, Bobas, Pachecos e Tenórios, todas da capitania de São Paulo. Por parte da mãe, Silva Pontes era neto de Maximiano de Oliveira Leite Leme, natural da capitania de São Paulo, e de d. Ignacia Pires de Arruda¹⁴. Todos os parentes podem ser descritos como “pessoas de distinta qualidade e nobreza”¹⁵.

Embora a família possuísse opulência e posição social com a exploração aurífera, Silva Pontes trilhou o caminho das ciências para ascender nos quadros da monarquia lusitana¹⁶. Ele matriculou-se, pela primeira vez em Coimbra, em 1769, no curso de cânones, mas, no ano de 1792, optou pela matemática¹⁷. O curso era recém-formado e Silva Pontes foi um dos seus primeiros alunos. Para Iris Kantor¹⁸, a “institucionalização dos saberes cartográficos” objetivava a “promoção das comunicações fluviais e terrestres e a desobstrução dos fluxos mercantis entre o interior e o continente e os portos transatlânticos”. O problema, contudo, era a enorme carência de profissionais capazes de realizar o empreendimento, apesar dos

¹⁴ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Correição Cível da Corte, Feitos Findos, Justificações de Nobreza, maço 6, n. 14. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=3909177> Acesso em 24 mar. 2024. O barão de Porto Seguro apresentou uma biografia de Silva Pontes publicada na revista do IHGB: Barão de Porto Seguro. “Dr. Antonio Pires da Silva Pontes Leme”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. XXXVI, n. 45 (1873), pp. 184-187.

¹⁵ Carla Almeida. “Uma nobreza da terra com projeto imperial: Maximiliano de Oliveira Leite e seus aparentados”, in: João Fragoso; Carla Almeida; Antonio Jucá de Sampaio (org.). *Conquistadores e negociantes: histórias de elites no Antigo Regime nos trópicos. América lusa, século XVI a XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 123.

¹⁶ Nuno Monteiro. “O ‘Ethos’ Nobiliárquico no final do Antigo Regime: poder simbólico, império e imaginário social”. *Almanack Braziliense*, 2 (2020), p. 5. Armando Norte. “Homens de letras e homens de leis ao serviço da monarquia portuguesa (séculos XII-XIII)”. *História*, São Paulo, 33-1 (2014), pp. 145, 148. Fernando Fonseca. “Scientiae thesaurus mirabilis: estudantes de origem brasileira na Universidade de Coimbra (1601-1850)”. *Revista Portuguesa de História*, XXXIII (1999), pp. 532, 554.

¹⁷ Otavio Crozoletti Costa. *Ciência e poder no império português: uma análise das trajetórias de cinco astrônomos demarcadores de limites do século XVIII*. 2019. Dissertação de mestrado em Estudos Culturais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

¹⁸ Iris Kantor. “Mapas em trânsito: projeções cartográficas e processo de emancipação política do Brasil (1779-1822)”. *Araucaria: Revista Iberoamericana de Filosofía, Política y Humanidades*, 12-24 (2010), p. 117.

esforços das sociedades científicas fundadas sob os governos de d. José e d. Maria.

No ano de sua formatura, em 1777, Silva Pontes foi nomeado membro da comissão de reconhecimento e demarcação dos territórios coloniais de Portugal e Espanha na América do Sul (Tratado de Santo Idelfonso). Sua comissão foi a terceira partida, responsável pela região abrangida pelas capitanias do Mato Grosso e de Cuiabá. O grandioso trabalho de demarcação resultou em precioso material cartográfico para a celebração dos limites territoriais¹⁹. Com base nesse trabalho, Pontes redigiu vários relatos, dentre eles as memórias aqui transcritas. E, sobretudo, realizou o grande trabalho cartográfico intitulado "Carta da Nova Lusitânia"²⁰.

Notam-se, nas Memórias transcritas, diversas menções aos trabalhos realizados no âmbito da terceira partida²¹. Na folha 5, Silva Pontes menciona a apresentação de "retalhos" de um trabalho geográfico realizado no intercurso de dez anos e onze meses. Provavelmente, o geógrafo referia-se à exposição do resultado parcial das investigações no Mato Grosso e Cuiabá.

No específico, Silva Pontes anunciou à folha 6 que comunicaria a pesquisa por "ordem inversa", talvez pela opção de dissertar primeiramente sobre os aspectos humanos do espaço geográfico observado. Assim, o geógrafo apresenta os ameríndios como "nossos semelhantes quando discute o "triste Estado de Selvagens"²². O palestrante usou o termo "irmão" para caracterizar a relação entre ambos, mas ele riscou o vocábulo e o substituiu por "semelhantes"²³. A associação fraternal aparece em outro trecho da folha 3 do documento em que os naturais da América portuguesa foram chamados de "parente próximo que nasceu em distante terra".

Pode-se questionar o uso de termos fraternais para a descrição dos nativos da América por parte de um português envolvido com o engrandecimento da monarquia. Parece razoável, porém, observar Antonio Pires como um geógrafo imbuído de noções de natureza humana ou concepção universalista de homem. O emprego do vocábulo dava-se menos por empatia aos ameríndios e mais por exigência da compreensão racional da humanidade. Neste

¹⁹ Flávia Kurunczi Domingos. "Os diários de viagem de Antônio Pires da Silva Pontes: ciência e diplomacia no interior da América Colonial portuguesa", in: *Anais do XXIV Simpósio Nacional de História - História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos*, São Leopoldo: Unisinos, 2007. pp. 1-8. CD-ROM

²⁰ Sobre a autoria da "Carta da Nova Lusitânia", ver Paulo Márcio Leal de Menezes et al. Análise toponímica da carta da nova Lusitânia. *Revista Brasileira de Geografia*, 66-2 (jul./dez. 2021), pp. 121-138.

²¹ Pedro Henrique Domingues de Lima. "Retalho de um saber setecentista: nativos, ciência e mito no Discurso [...] sobre os índios da América". *Revista de fontes*, 12 (2020), pp. 166-178.

²² Antonio Pires da Silva Pontes Leme, "Memoria Sobre os homens selvagens da America Meridional... [1792]", Academia de Ciências de Lisboa. Série Azul, n. 17, caderno 37. Ver transcrição do fólio 6.

²³ Idem. Ver transcrição do fólio 3.

sentido, o geógrafo desenvolve várias considerações sobre a evolução humana dentro e fora da Europa.

A oportunidade de Silva Pontes governar uma capitania na América lusitana, o Espírito Santo, correspondeu, a um só tempo, a seu lugar na hierarquia social e à importância da capitania²⁴. Ao longo dos séculos XVII e XVIII, independente das formas de escolha, o critério da fidalguia²⁵ prevaleceu como medida de seleção dos governadores gerais do Estado do Brasil e das capitanias principais como Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro²⁶. A capitania do Espírito Santo, contudo, entrava na classificação das unidades menores do Estado do Brasil²⁷.

Em se falando de naturais da América portuguesa, era o próprio Silva Pontes um exemplo, embora descendesse de antigos exploradores. No entanto, encarregou-se o brasílico Pontes de ousado projeto de navegação do rio Doce, que o mantinha estreitamente vinculado ao conde de Linhares.

Rodrigo de Souza Coutinho, futuramente conde de Linhares, nutriu grande interesse em cargos na América lusitana antes de se tornar ministro da Marinha e Ultramar, em 1796. Frustrou-se, porém,

²⁴ Mafalda Soares da Cunha e Nuno Monteiro. "Governadores e capitães do império atlântico português nos séculos XVII e XVIII", in: Nuno Monteiro, Pedro Cardim, Mafalda Soares da Cunha (org.). *Optima pars: elites ibero-americanas do Antigo Regime*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2005, pp. 222-224.

²⁵ A diferença residu na distinção entre a prevalência de reinóis para o cargo de governo geral ou vice-reis e de maior número de naturais do Brasil para a regência de capitanias principais. Para Mafalda Cunha e Nuno Monteiro determinadas famílias, como os Sá ou Correia de Sá, mantiveram estreitas ligações com o centro político do Reino que contribuíram para a "[...] manutenção do poder político nas capitanias de origem". A situação altera-se, porém, no século XVIII, "[...] uma vez que os governantes naturais da América portuguesa só têm expressão nas nomeações de capitanias menores [...]". Embora a base de recrutamento dos governadores se radicava nas elites reinóis, Mafalda Cunha e Nuno Monteiro preferem o conceito de "homens coloniais" segundo o entrelaçamento social nos territórios para o qual eram nomeados. O enraizamento dos governantes pode ser medido pelos enlaces matrimoniais com mulheres da elite local, presença de mais de duas décadas na América lusitana e falecimento no território mesmo depois de deixar a governação. Cf. Mafalda Soares da Cunha e Nuno Monteiro. "Governadores e capitães", *op. cit.*, p. 225; Nuno Monteiro. "Trajetórias sociais e governos das conquistas: notas preliminares sobre os vice-reis e governadores-gerais do Brasil e da Índia nos séculos XVII e XVIII", in: João Fragoso, Maria Fernanda Bicalho, Maria de Fátima Gouvêa (org.). *O Antigo Regime nos trópicos: a dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 281.

²⁶ Nuno Monteiro. "Trajetórias sociais e governos das conquistas", *op. cit.*, p. 257.

²⁷ Mafalda Cunha e Nuno Monteiro calculam em cerca de 4% a presença de fidalgos na regência de territórios de importância inferior. Ainda assim, prevaleciam nobres de origem pouco reconhecida ou duvidosa, aproximadamente 52%. Os autores observam a evolução no século XVIII de governantes das capitanias subordinadas na ordem de 15% de fidalgos dada a aristocratização dos nomeados no período. Ao mesmo tempo, houve relativa redução 19% no século XVII para 16% no XVIII na escolha de brasílicos para regência de territórios de menor importância política. Cf. Mafalda Soares da Cunha e Nuno Monteiro. "Governadores e capitães", *op. cit.*, p. 241.

por não pertencer ao estreito círculo de “fidalgos do Reino, especialmente aos filhos segundos de casas tituladas”²⁸. Sua trajetória a caminho da secretaria de Estado baseou-se no reconhecimento de sua posição pessoal como homem ilustrado. A forte aproximação da Academia Real de Ciências contribuiu para tal identificação, para a qual apresentou texto relativo ao desenvolvimento da colônia americana: “*Discurso sobre a verdadeira influência das minas dos metais preciosos na indústria das nações, quando de sua licença para visitar a família, ocorrida entre os anos de 1779 e 1782*”²⁹. Outros textos discutiam a fiscalidade e finanças em Portugal que seguiram de Turim, onde era ministro plenipotenciário, para a Academia.

Não se estranha, portanto, a escolha do doutor em geografia, Silva Pontes, formado na primeira turma de Coimbra para dirigir a capitania do Espírito Santo, cuja localização se integrava aos projetos estratégicos desenhados por Linhares para a América. O conde, consoante Nívia Pombo³⁰, “encorajou a abertura de caminhos para unir o interior da América portuguesa [...] em prol de uma unidade política, selando os interesses da monarquia portuguesa e dos colonos de além-mar”.

Antonio Pires da Silva Pontes foi um dos jovens brasílicos diplomados em Coimbra com participação nas conferências da Academia Real de Ciências em Lisboa. Ele tornou-se sócio correspondente em 21 de dezembro de 1792 e sócio livre em 17 de março de 1794³¹. É possível conjecturar a palestra, transcrita neste número da revista Fontes, como proêmio de sua participação na Academia. Os acadêmicos portugueses recebiam frequentemente valiosas contribuições de estrangeiros como Domingos Vandelli, Miguel Antonio Ciera e Miguel Franzini, todos emigrados de Pádua³². Mas se destacavam também os naturais do Brasil, tal como Silva Pontes, que, segundo Ana Lúcia Cruz³³, eram autores de 1/3 de artigos no periódico da academia. A palestra contém algumas

²⁸ Nívia Pombo. “Correspondência privada e redes familiares: um novo olhar para a trajetória de D. Rodrigo de Souza Coutinho”. *Topoi*, 51 (2022), p. 1000.

²⁹ José Luís Cardoso (dir.). *Memórias económicas da Academia Real das Ciências de Lisboa, para o adantamento da agricultura, das artes, e da indústria em Portugal, e suas conquistas (1789-1815)*. Lisboa: Banco de Portugal, 1990, pp. 179-185.

³⁰ Nívia Pombo. “Coutinho, Rodrigo de Sousa”, in: Joel Serrão, Márcia Motta, Susana Munch Miranda. (dir.). *e-Dicionário da Terra e do Território no Império Português*. Lisboa: CEHC-IUL, 2013.

³¹ Péricles Pedrosa Lima. *Homens de ciência, op. cit.*, p. 121.

³² Adriana Pereira Campos e Thiara Bernardo Dutra. “Uma obra magnânima e real: o governador cientista e a primeira política de exploração da bacia do Rio Doce”, in: Bruno César Nascimento; Uéber José de Oliveira (org.). *Os pensadores do Espírito Santo: de Anchieta a José Marcelino Pereira de Vasconcelos*. Vitória: Editora Milfontes, 2019, vol. I, p. 45.

³³ Ana Lúcia da Cruz. “As viagens são os viajantes: dimensões identitárias dos viajantes naturalistas brasileiros do século XVIII. *História: Questões e Debates*, 36 (2002), p. 122.

palavras transcritas com dificuldade porque o original se encontrava escrito até o limite lateral das páginas. Na digitalização, as palavras de algumas páginas, infelizmente, foram cortadas. O resultado geral, todavia, é muito bom e não prejudica a compreensão.

“Não é necessário que você dê conselhos aos outros, se não puder ajudar a si mesmo”

No documento, existente apenas como manuscrito, Silva Pontes dirigiu severas críticas à administração das populações naturais da América. Para ele, as povoações compostas por ameríndios encontravam-se muito mal atendidas e ainda mais miseráveis do que nos tempos do padre Vieira³⁴. A citação do jesuíta deixa transparecer a força da censura lançada pelo geógrafo à governança dos nativos americanos.

Em fins do século XVIII, mesmo que os religiosos representassem um obstáculo superado na direção da conquista americana, não se tinha esquecido a pedagogia inaciana de assimilação dos povos nativos. O fim litigioso entre coroa lusitana e Companhia de Jesus não apagou o valor da ação dos missionários nos primeiros tempos da colônia como alternativa à fracassada política de integração dos nativos americanos “[...] através do escambo ou da compra de cativos. [...]”³⁵.

O Regimento de Tomé de Souza, de 1548, deu início à política indigenista assumida pela coroa portuguesa e abriu caminho aos companheiros de Jesus. Nesse primeiro momento, os jesuítas serviram ao interesse de “[...] controlar e preservar os índios [...]” para qualificá-los como trabalhadores produtivos. O aldeamento foi a estratégia comumente empregada pelos jesuítas para “conquista e assimilação dos povos nativos”³⁶. Não se pode olvidar que o padre Manuel da Nóbrega defendia a escravidão indígena e africana como meio necessário para o desenvolvimento colonial, pensamento comum a outros religiosos da companhia de Jesus. As guerras justas serviam, na pedagogia inaciana, ao propósito de dominação dos ameríndios, reduzindo-os ao cativo. Justificava-se o cativo como “resgate” dos índios “[...] que enfrentavam a morte nos ritos antropofágicos” [...]”³⁷.

A antropofagia entre os naturais da América serviu à retórica de submissão colonial. Silva Pontes discutiu a questão diante dos associados da Academia de Ciências de Lisboa quando descreveu os

³⁴ Antonio Pires da Silva Pontes Leme, “Memoria Sobre os homens selvagens”, *loc. cit.*, fl. 10. Ver transcrição abaixo.

³⁵ John Monteiro. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. 2ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022, p. 32.

³⁶ Idem, pp. 32 e 39.

³⁷ Idem, p. 47.

índios como “selvagens, uns antropófagos, outros phytifagos”³⁸ (provavelmente vegetarianos).

No entanto, o geógrafo admitia o costume como característica da natureza humana que podia se modificar com a educação. Ele recorreu a exemplos citados por Plínio, autor romano da obra “História Natural”³⁹, de os antropófagos nas antigas aldeias da Itália, como a Sicília. E ainda completou com certa ironia, “[...] quanta semelhança nos costumes, nas cabanas, nas embarcações, nos alimentos dos antigos batavos com os índios presentes na América, contudo hoje temos inveja da indústria daquela nação [...]”⁴⁰.

Silva Pontes não considerava a antropofagia característica autorizativa da tirania dos portugueses. Para o geógrafo, o comportamento civilizado, e oposto à antropofagia, advinha do aprendizado disponível a qualquer homem. Sabe-se hoje que a vingança, as práticas de sacrifícios e o ritual da antropofagia possuíam profundo significado “histórico-temporal” para os nativos da América. Esse “laço essencial entre o passado e o futuro dos grupos locais” definia a convivência intertribal em que os guerreiros vingavam as gerações anteriores com a morte do inimigo em batalha ou captura e posterior cativo. Este último finalizava-se com uma grande festa os cativos mortos e servidos como banquete ritual. O aprisionamento, portanto, destinava-se unicamente a esse fim ritualístico⁴¹.

Ao citar os jesuítas, Silva Pontes não os considerava exemplar, mas admitiu que os governantes portugueses eram “piores” do que os antigos missionários. E, como admite Maria Regina de Almeida⁴², os ameríndios sofreram os maiores prejuízos durante os aldeamentos, mas nem por isso “[...] deixaram de lutar e obter ganhos [...]”. Muitos grupos de nativos americanos puderam contornar parte da violência com o uso inteligente do espaço dos aldeamentos. Os colonos, porém, reagiram desfavoravelmente à segurança conquistada pelos originários da América e voltaram-se contra os jesuítas. Maria Regina de Almeida⁴³ destaca as queixas contra os padres dirigidas ao senado da Câmara da cidade do Rio de

³⁸ Antonio Pires da Silva Pontes Leme, “Memoria Sobre os homens selvagens”, *loc. cit.*, fl. 10. Ver transcrição.

³⁹ “Já afirmamos que existem certas tribos de citas e, na verdade, muitas outras nações, que se alimentam de carne humana. Este fato em si poderia talvez parecer incrível, se não nos lembrássemos, que no centro da terra na Itália e na Sicília, existiram anteriormente nações com essas tendências monstruosas, [...]” Plínio, o velho. *The natural history*. Translated, with copious notes and illustrations, by the late John Bostock and Henry Thomas Riley. London: H. G. Bohn, 1855-1857, liv. VII, cap. 44.

⁴⁰ Antonio Pires da Silva Pontes Leme, “Memoria Sobre os homens selvagens”, *loc. cit.*, fl. 10. Ver transcrição.

⁴¹ John Monteiro. *Negros da terra, op. cit.*, pp. 26-27.

⁴² Maria Regina Celestino de Almeida. *Metamorfoses indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro*. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2013, p. 115.

⁴³ Idem, pp. 131-135.

Janeiro. As aldeias apenas conferiam alguma vantagem aos naturais da América porque eles próprios a conquistavam e transformavam os aldeamentos em núcleos de sobrevivência de seu povo diante da violência dos colonos.

O apoio, porém, dos jesuítas tinha grande peso para o sucesso da estratégia dos naturais da América. Por essa razão, os colonos atacavam estrategicamente o reforço representado pelos missionários. Era comum a abertura de devassas em diversos pontos da colônia portuguesa contra procedimentos e costumes dos religiosos da Companhia de Jesus, como ocorreu na comarca do Espírito Santo. Vários colonos queixaram-se em devassas contra a rigidez dos inacianos em exigir licenças para os aldeados trabalharem nas lavouras próximas⁴⁴.

Os depoimentos não se atinham aos alegados prejuízos dos colonos com os inacianos, mas incluíam inúmeras desavenças dos aldeados com os religiosos. A disciplina de catequização, não raro, redundava em fugas ou insatisfações com os castigos regularmente aplicados. Muitas vezes, os aldeados dirigiam reclamações contra os inacianos à administração temporal das aldeias. Silva Pontes, ciente dos fatos, deu aos jesuítas um valor relativo, pois os religiosos aparecem em sua narrativa apenas para aquilatar o desastre representado pelos novos governantes das conquistas incapazes de melhorar a situação dos povos da América. E isso explica o uso da obra de Publio Terêncio Afro e seus famosos adágios. Na opinião de Silva Pontes, tal como Chremes, os portugueses, embora duros na crítica aos inacianos, não eram melhores do que os religiosos.

Referências

- ALMEIDA, Carla. Uma nobreza da terra com projeto imperial: Maximiliano de Oliveira Leite e seus aparentados. In: FRAGOSO, João; ALMEIDA, Carla; SAMPAIO, Antonio Jucá (org.). *Conquistadores e negociantes: histórias de elites no Antigo Regime nos trópicos. América lusa, século XVI a XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Metamorfoses indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro*. 2ª. ed. São Paulo: Edusp, 2013.
- ARAÚJO, Ana Cristina. *O marquês de Pombal e a universidade*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2000.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. "Presença do Brasil no Arquivo da Academia das Ciências de Lisboa: Catálogo Seletivo da Série Azul de Manuscritos". *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 33 (1992), pp. 165–189 Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/70483> Acesso em: 27 mar. 2024.
- CAMARGO, Angélica Ricci. *Projeto de alvará de 13 de maio de 1803: uma tentativa ilustrada de reforma das minas do Brasil*. MAPA - Memória da administração pública brasileira: Ministério da Justiça/Arquivo Nacional, s/d. Disponível em:

⁴⁴ Luís Rafael Araújo Corrêa. *Insurgentes brasílicos: uma comunidade indígena rebelde no Espírito Santo colonial*. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2021, pp. 179-181.

<http://mapa.an.gov.br/images/publicacoes/ProjetoAlvara/files/assets/common/downloads/publication.pdf> Acesso em 26 mar. 2024.

- CAMPOS, Adriana Pereira; DUTRA, Thiara Bernardo. "Uma obra magnânima e real: o governador cientista e a primeira política de exploração da bacia do Rio Doce", in: NASCIMENTO, Bruno César; OLIVEIRA, Uéber José de (org.). *Os pensadores do Espírito Santo: de Anchieta a José Marcelino Pereira de Vasconcelos*. Vitória: Editora Milfontes, 2019, vol. I, pp. 39-72.
- CARDOSO, José Luís (dir.). *Memórias económicas da Academia Real das Ciências de Lisboa, para o adantamento da agricultura, das artes, e da indústria em Portugal, e suas conquistas (1789-1815)*. Lisboa: Banco de Portugal, 1990.
- CORRÊA, Luís Rafael Araújo. *Insurgentes brasílicos: uma comunidade indígena rebelde no Espírito Santo colonial*. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2021.
- CRUZ, Ana Lúcia da. "As viagens são os viajantes: dimensões identitárias dos viajantes naturalistas brasileiros do século XVIII". *História: Questões e Debates*, 36 (2002), pp. 61-98.
- CUNHA, Mafalda Soares da; MONTEIRO, Nuno. "Governadores e capitães do império atlântico português nos séculos XVII e XVIII", in: MONTEIRO, Nuno; CARDIM, Pedro; CUNHA, Mafalda Soares da (org.). *Optima pars: elites ibero-americanas do Antigo Regime*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2005, pp. 191-252.
- DOMINGOS, Flávia Kurunczi. "Os diários de viagem de Antônio Pires da Silva Pontes: ciência e diplomacia no interior da América Colonial portuguesa", in: *Anais do XXIV Simpósio Nacional de História - História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos*. São Leopoldo: Unisinos, 2007, pp. 1-8. CD-ROM.
- DOMINGUES, Ângela. "Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império português em finais do Setecentos". *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, 8 (2001), pp. 823-838.
- FONSECA, Fernando. "*Scientiae thesaurus mirabilis*: estudantes de origem brasileira na Universidade de Coimbra (1601-1850)". *Revista Portuguesa de História*, XXXIII, 1999, pp. XX-XX.
- JOCELYN, H. D. "Homo sum: humani nil a me alienum puto (Terence, Heauton timorumenos 77)". *Antichthon*, 7 (1973), pp. 14-46. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0066477400004299> Acesso em 27 mar. 2024.
- KANTOR, Iris. "Mapas em trânsito: projeções cartográficas e processo de emancipação política do Brasil (1779-1822)". *Araucaria: Revista Iberoamericana de Filosofia, Política y Humanidades*, 24 (2010), pp. 110-123.
- LEFÈVRE, Eckard. Heauton Timorumenos. In AUGOUSTAKIS, Antony; TRAILL, Ariana; THORBURN, John E. (org.). *A companion to Terence*. Oxford, UK/Malden, USA: Wiley-Blackwell, 2013. pp. 243-261.
- LEME, Antonio Pires da Silva Pontes. *Memória sobre a utilidade publica em se extrair o ouro das minas e os motivos dos poucos interesses que fazem os particulares, que mineração igualmente no Brazil*. *Revista do Arquivo Mineiro*, 1-3 (1896), pp. 417-426.
- [LEME], Antonio Pires da Silva Pontes. *Pré-memória do governandor Antonio Pires da Silva Pontes*. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 1999.
- LIMA, Pedro Henrique Domingues de. "Retalho de um saber setecentista: nativos, ciência e mito no Discurso [...] sobre os índios da América". *Revista de fontes*, 12 (2020), pp. 166-178.
- LIMA, Péricles Pedrosa. *Homens de ciência a serviço da coroa: os intelectuais do Brasil na Academia Real de Ciências de Lisboa - 1779/1822*. Mestrado em História dos Descobrimentos e da Expansão, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2009.
- MENEZES, Paulo Márcio Leal de et al. "Análise toponímica da carta da nova Lusitânia". *Revista Brasileira de Geografia*, 66-2 (jul./dez. 2021), pp. 121-138.
- MARÃO, Públio Virgílio. *Eneida = Æneis*. Tradução didática e homossilábica em versos brancos, metrificados, com introdução e notas de João Carlos de Melo Mota; revisão de tradução Guilherme Gontijo Flores. Belo Horizonte, Autêntica, 2022.

- MONTEIRO, John. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- MONTEIRO, Nuno. "O 'Ethos' Nobiliárquico no final do Antigo Regime: poder simbólico, império e imaginário social". *Almanack Braziliense*, 2 (2020), pp. 4-20.
- MONTEIRO, Nuno. "Trajetórias sociais e governos das conquistas: notas preliminares sobre os vice-reis e governadores-gerais do Brasil e da Índia nos séculos XVII e XVIII", in: FAGOSO, João; BICALHO, Maria Fernanda; GOUVÊA, Maria de Fátima. *O Antigo Regime nos trópicos: a dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. pp. 249-283.
- NORTE, Armando. "Homens de letras e homens de leis ao serviço da monarquia portuguesa (séculos XII-XIII)". *História*, São Paulo, 33-1 (2014), pp. 145-170.
- POMBO, Nívia. "Correspondência privada e redes familiares: um novo olhar para a trajetória de D. Rodrigo de Souza Coutinho". *Topoi*, 51 (2022), pp. 992-1012.
- POMBO, Nívia. "Coutinho, Rodrigo de Sousa", in: SERRÃO, Joel; MOTTA, Márcia e MIRANDA, Susana Munch. (dir.). *e-Dicionário da Terra e do Território no Império Português*. Lisboa: CEHC-IUL, 2013.
- PORTO SEGURO, barão de. "Dr. Antonio Pires da Silva Pontes Leme". *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. XXXVI, n. 45 (1873), pp. 184-187.
- PLÍNIO, o velho. *The natural history*. Translated, with copious notes and illustrations, by the late John Bostock and Henry Thomas Riley. London: H. G. Bohn, 1855-1857. Disponível em: <https://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.02.0137%3Abook%3D7%3Achapter%3D44> Acesso em: 4 mar. 2024.

Recebido em: 30 de março de 2023.

Aprovado em: 02 de abril de 2024.

Academia de Ciências de Lisboa. Série Azul, n. 17. Caderno 37.
**“Memoria sobre os homens selvagens da America Meridional,
que serve de introdução ás viagens de Antonio Pires da Silva
Pontes Leme, Prim^{ro} Ten^{te} do Mar da Armada Real, Doutor
Astronomo, e Correspondente da Real Academia de Lisboa,
Ano de 1792”.**

[fl. 1] Memoria Sobre os homens selvagens da America Meridional,
que serve de introdução as viagens de Antonio Pires da Silva Pontes
Leme, Prim^{ro} Ten^{te} do Mar da Armada Real, Doutor Astronomo, e
Correspondente da Real Academia de Lisboa, Ano de 1792

[fl. 1v]

*Saevis periclis
Servati facimus*⁴⁵.

[fl. 2]

Ex^{mo} Senhor Duque Presidente
Ilustres Snr^s Socios

Hoje q^e pella ves prim^{ra} tenho a honra de falar nesta Ilustre
Companhia dos mais apreciaveis Individuos de hua Nação Espiritual,
e [se] ja-me⁴⁶ permittido reflectir perante hua sociedade ^{tal}, q’ tem
por Divisa o Amor dos seos semelhantes, e q’ desde as janellasdeste
Passo estende a sua Vista a outra Banda do Golfo Athlantico <a foz
do Tejo ao M. das Filipinas>, que o Portugues Iluminado he hum
homem de todas as Naçoens, de todos os Continentes, branco na
Europa, preto na Guiné, e cor de terra <Adamidica?⁴⁷> na América.
Seja-me pois permitido reflectir q’ tendes Irmãos⁴⁸ <Semelhantes>
naõ⁴⁹ longe aqui de vos, q’ nessa parte do Mundo vegeta o coração
dos Homens com o Cotyledon de todas as Virtudes sociáveis; elles

⁴⁵ Pode-se traduzir como “Salvos de cruéis perigos”. Provavelmente o excerto foi
extraído do poema épico Eneida de Virgílio, século I a.C., que era: “[...] saevis,
hospes Troiane, periclis servati facimus méritos que novamus honores. Tradução:
“De cruéis perigos, hóspede Troiano, salvos, fazemos e renovamos merecidas
honras”. Públio Virgílio Marão, *Eneida, op. cit.*, p. 262.

⁴⁶ O documento transcrito baseou-se na cópia digital do manuscrito Azul no. 17
(caderno 37), encaminhada pelo setor de Arquivo, Biblioteca e Documentação da
Academia de Ciências de Lisboa. O setor informou que “o texto se encontra escrito
até o limite lateral das páginas, sendo este o resultado possível da digitalização” (E-
mail de 4/8/2022). Em vista disso, as folhas ímpares tiveram parte de seu
conteúdo cortado, que se tentou completar a partir do contexto da frase e sua
continuação na linha seguinte, sempre colocando a dedução entre colchetes.

⁴⁷ Introduzimos o ponto de interrogação diante de palavras cuja leitura deu-se com
dificuldade devido à grafia da palavra, sugerindo dúvida na transcrição.

⁴⁸ Riscado no original.

⁴⁹ Todas as palavras terminadas com “ão” no original se encontravam com o til
sobre a letra “o”.

tem sobre vos a mais Reverente attençaõ p^r q' desde aqui vós começaes a interessar por elles, daqui lhes ensinaes a conhecer as riquezas espontaneas q' lhes offerecem inutilm^{te} a sua Terra faltando as mãos da arte; suas debeis culturas não sentiraõ do pequeno recinto do consumo Ordinario: ou de hua rays, ou de hum graõ^{do} Cereal, q' inda a sua maior parte fazem fermentar p^a encher de fumo esse vacuo, q' atormenta o Homem no triste Estado da Ociosid^e e da Ignorancia, e do q' ainda a História Sagrada nos offerece provas no cap. IX de Genesis; se pois Ilustres Exemplares de hua Metrópole Benigna olhaes os Homem nascido na America com aquelle interesse q' vedes hum Parente proximo, q' nasceo em distante terra, e vedes nelle o ar de familia, o som da voz ás vezes e inda mal q' m^{tos} os defeitos do Corpo, certos caprixos, certas aversoens, q' tudo possua a sua affinid^e a sua origem <comum>, Se pois conheceis no Portugues Americano o assento da lingoagem de ha tres séculos, q' hoje he visivel mas he o de nossos 8^{os} ou 7^{os} Avos, se pois conheceis o Indigena Americano, o Indigena Africano como Irmaõs de hum mesmo Pai, se nhuã mesma familia q' somos sobre a face da Terra os des[machos?]⁵⁰, os disvarios dos nossos Próximos Parentes pedem inda mais a nossa compaixaõ, o nosso interesse, os nossos concelhos de q' os governados, os Sobrios,

[fl. 2v]

Os abundantes, qual não será o meu respeito, am^r Reverencia p^r hua Academia como esta que <deve por seu Instituto> tomar de Tutela dos Selvagens q' se andaõ comendo huns outros pellos bosques frondosos, e pellas campinas floridas doVasto continente da América Meridional; estes nossos Irmaons guiados pella primeira fantasia da grandesa do homem q' he o defensor a si, e os seos filhos tenros, e suas familias, nascentes das garras de terríveis feras, q' habitaõ a Terra, e das insidiosas ciladas dos Anfibios vorazes, q' moram pellas Regioens humidas, e q' sabem ocultar-se no seio de hum elemento de primeira necessid^e ao homem, a grandesa, a gloria, a reputaçãõ q' merece no Centro desta familia invalida hum homem della que a poem ao abrigo de hum insulto q' não tem outro recurso, q' aquelle braço; faz do homem Natural hum Ente estranho, hum Ente contraditório, elle compassivo ao excesso, arroja a sua vida ao Heito amplissimo, e temeroso do Crocodilo, ao laço horrível da Giboa, a ligeiresa da feros Onça pello seo fillho, por sua Mulher, por sua May; e he aqui elle sente como nos <sua generosid^e he própria da sua Nobreza de homem> elle he digno de tomar assento neste Gabinete da Rasaõ polida; a fantasia o engana, no m^{mo} instante e a vista de outra família dos seos semelhantes se torna em hum animal os mais Carniceiros da Terra, da agoa, ou do ar, acomette o Pai, o defensor da outra Tribu, mata o a elle, a sua Mulher, a seos filhos tenros, tira-lhes a carne dos ossos com cruel pericia, assa-os, come os, dellas alimenta a sua casa, q' o admira, e o aplaude, e se parece

⁵⁰ Palavra cujo corte na digitalização permitiu transcrição parcial.

compassivo a perdoar algumas vidas de seu inimigo he p^a a economica distribuição de os comeram mais frescos dahi a dias tratando-os com a profusão dos frutos, de bebidas, e de caças de seu gosto;

Quem dirá q' este homem he o pr^o q' este homem he homem? Com tudo nesta Assembleia, nesta morada das Rãs todos conhecemos q' este homem he tam animado da Glória justa q' lhe resulta de hum Bem real, q' acabou de fazer aos seus Domésticos imbelles, como os Pays da Pátria, q' nos veneramos <que he bravo, justo, Heroico>.

Deste

[fl. 3]

Princípio em q' elle se equivoca não com os Affonsos, não com⁵¹chos, não com os Grandes Joãos de Portugal p^r q' inda a sua Glória [cu]nhada sobre nossos Irmaos Agarenos rebeldes, mas como Perseos, Taso[corte da folha]cules, Esculapios cujos serviços foram feitos á Patria comum a esp[corte da folha] Sua Origem antes dos Romanos, antes dos Godos. O homem ultimo [corte da folha] a terra a religiam revelada o ensina, e se a Ordem sucessiva sempre dos animais inocentes pr^o, e a dos destruidores p^r ultimos, o homem selvagem tem m^{tas} características desta sua qualid^e <natural>. Mas sem esses cujos nomes conserva a Tradição Profana; o Leão Nemeo, as phy[corte da folha] a Hydra, o Javalý, a Panthera, e outros Antecessores <do homem feroz, dos [ilegível]> dos Persas, [corte da folha] rios, Godos, Tartaros, Sarracenos teriam acabado com a nossa Ra[corte da folha] no seu bersó, após da força caminha a indústria e a Espécie humana a par da Divind^e os primeiros Bemfeitores; Ceres q' o ensina a tira[nica]mente de hua grama o seu mais próprio alim^{to} e tinhaõ q' os conviver em comum, Esculapio q' distingue no meio dos venenos os [corte da folha] pr^a o homem são hoje sucedidos pellos Sabios da Europa, pellos [corte da folha]cos, pellos Chymicos, pelos Geometras, pellos Astronomos, enfim, [pelos]⁵² mesmos Ilustres Academicos de Lx^a se vos tendes virado o vos [corte da folha] esta Porção de Homens selvagens e feros q^e não he separada do A[corte da folha]tinente se não por treze legoas de mar do Estreito de Berings, e q' as [corte da folha] S. Diomedes fasem inda mais curto o trajeto da Ásia p^a elle [corte da folha] hoje não he permittido insultar a nossa Rã negando o sentimen^{to} [corte da folha] tos, como ha trinta anos se disia, nem o negar a humanid^e ao [corte da folha]no como ha tres seculos se questionava entre os Theologos [corte da folha] he certo q' me dais confiança ao oferecer p^r premicias destas sessoens [corte da folha]ssente retalho do trabalho Geografico, em q' hei Empregado [corte da folha] de dez anos, e onze meses, eu começo na Ordem inversa da m^a

⁵¹ Palavra cortada na digitalização do manuscrito pela Academia de Ciências de Lisboa, doravante representada do seguinte modo [corte da folha].

⁵² A palavra é uma suposição a partir da leitura global do texto por isso vem entre colchetes. Esse procedimento se repetirá segundo essa regra.

[fl. 3v]

a apresentação das chartas começando esta pellas fontes do Rio das Amasonas, q' são comuns com as do Rio da Prata, nella servem marcadas os Nomes, e districtos dos nossos semelhantes, q' vivem dispersos no triste Estado de Selvagens sem q' tirem partido algum de suas deliciosas possesões pela cultura; felism^{te} p^a elles a família das almas lhes subministra ali como em outras províncias o seo sustento, o seo regalo, a sua casa, os seos óleos, os seos Vinho, as suas cordas, os seos cestos, e o seu calçado, os seos Vasos, a sua lenha, e o seo reparo. Vereis q' no meio da America Meridional, no centro de gravid^e se não he também o de figura, <do triangulo esferico cujo vértice he o Cabo de Horne cuja base corre do [ilegível] athe o Istmo do Panama vereis digo nem destes certoens> ~~de solido q' forma a America Meridional~~⁵³ floresce o sal muriatico pellas Campanhas, os lagos salgados, as Minas a q' chamaõ barreiras deste precioso sal, q^e faria pella sua falta inhabitaveis talvez aquellas <distancias> das Regioens Maritimas; nesta mesma charta se vê hua grande Parte do lago Herayes, e as serras que a acompanhaõ pella p^{te} de Leste as margens do RioParaguahy, athe o sitio do Escalvado [*] <[*]16°43'e A> onde salta a serra, e a veia da agoa do Rio torna do lado a leste, e feito hum grande Arco torna a vir ao mesmo Meridiano encontrar o prolongam^{to} das Serras q' lhe ficaõ ja entaõ a Oeste, e tomaõ <o nome> de Serra da Gayva pella gr^de Lagôa assim chamada; daqui se estendem as dictas serras the ao outro grande lago conhecido pello nome de Maniore, nome que lhe deraõ da Manioreia brava ou yuca urens⁵⁴ q' vegeta naquelles montes: aqui serve e correspondendo a estas Lagoas positivamente na serra sobranceira a ellas m^{to} mais elevada a Eminencia do monte, e sobrepostos ao nivel das montanhas primitivas as grandes massas q' se conhecem terem sido arrancadas daquelles vacuos em q' hoje estaõ lagos, inversas as suas posições com formações de seixos e pedregulhos quartzos os q' são da camada do nivel da agoa do Rio, e dos lagos <* por 15000 palmos> p^a cima; são os montes formados de hum saxum rupestre q' he a Matris geral destas serras da Gayva, e Maniore, assim como os outros do Paraguay de q' falamos desde a latitude de 14°; e Autral the o Escalvado q' anda por 16°4'30"; e desde estes da Gayva q^e correm de 17°33'a the 19°55'

[fl. 4]

Pella parte⁵⁵ margem occidental do Rio; he pois esta camada de rupes asse[corte da folha] sobre hua q' tem três braços de profundid^e e dos dictos seixos a q' chamam os [corte da folha] Cascalhos, ordinaria formação de Ouro nas Minas Gerais, e se entaõ [corte da folha] qd^o se sobe ao mais alto Monte q' chamaõ o Cabeçaõ Sobranceiro à lagoa e [corte da folha] ou Mandiorem, q' elle tem duas

⁵³ Riscada no original.

⁵⁴ Grifos do autor.

⁵⁵ Palavra riscada pelo autor.

alturas das Serras visinhas, e q' acabado o [corte da folha] nível com as primeiras, continua nova camada de Serra da m^{ma} espécie, pinaculo, e partes extremas são todas cubertas nesta ultima Serra [daqueles seixos]⁵⁶ do Rio tão glutinados q' se quebraão com o instrum^{to} os quartzos e seixos de [corte da folha] estão sem se despegarem do seo glutero, a verdade deste objecto a q^m sobe a montanha com olhos observadores, e do alto della descobre aquelle vacuo do Maniore q' formando hum lago de onse legoas de comprido de N a S. e legoa ½ de [corte da folha] em huas partes, em outras sinco, he tão palpável, e salta aos olhos dema[corte da folha] q' não há mais q' duvidar, aqui servem estas serras q' conservaão o genio das do[corte da folha]ay daquelle mesmo Meridiano, em differente paralelo; os filoens calcar[corte da folha] moreos; q' desde a Latitude 15° aparecem o Continente de Mato [Grosso] vertentes do Paraguay onde chamaão o Cervo, e se estendem p^a o Sul, ve-[se] filaão q' he o 3° contando de Leste p^a Oeste todo de Silex, o q' nos offerece Serra inteira de Agatha na boca do Gayva Mirim, em q' me subi [para] [obser]var aquella Maravilha, e estava povoadade Lontras, q' nela criam filhos, entã exclamei q' nenhum Soberano da Europa tinha [huma] tão preciosa p^a seus Augustos Filhos como estes pobres mama[corte da folha]phagos. Neste contin^{te} se vê guardada a Theoria de Monsr. de Bufor [corte da folha]ra da Serra sobre a breve⁵⁷ curta elevação dos montes calcareos sendo com [efeito a] terça p^{te} dos outros; as conxas sobre elles já petrificadas, o sal [muriático] estas terras, de q' remetti as mostras a esta Real Academia tudo tirou-se [das] montanhas q' hoje são os lugares mais distantes do centro da Terra [corte da folha] [fl. 4v]

produtos maritimos, e criados como dis Lineo pella Via humida; se me for por vos permittido eu direi as m^{as} conjecturas, resultado de tão longas viagens em q' não deixei a Bussola da Maõ, e a Barquinha senão p^a assentar o Quadrante Astonomico, e montar o pendulo; Vereis em fim q' neste fértil Pays q' esta charta representa ha sobre as margens do Rio Cuyaba 150 pessoas Portuguesas, e sobre as do Guapore 50 e q' tudo o mais he não ocupado, mas rodeado de Índios Selvagens huns Anthropofagos, outros Phytifagos amigos, ou inimigos huns dos outros mas todos prevenidos contra os Portugueses, elles nos dizimaão todos os dias, e os nossos a elles. Hum grd^e Ministro de Portugal e Socio desta Ilustre Academia disia ha sete annos em huas ordens, q' fiseram suspender a destruição dos Indios da Guiana Portuguesa, q' não se soube inda decidir de q' parte está a Barbarid^e, se da nossa, ou dos Selvagens: Mas se nos hoje temos a fortuna de q' o nosso Ministerio pense desta forma, comtudo os pobres Selvagens por falta de instrução, por erro da nossa Especie

⁵⁶ Sempre que a palavra estiver entre parênteses é uma suposição a partir da leitura global do excerto.

⁵⁷ Palavra riscada pelo autor.

continuam em comer-nos, e os nossos em matallos. Não vos admire, Ilustres Senhores, q' hum Geografo, hum Matemático vos fale pr^o. da parte moral desta charta, q' dos importantes assumptos Phisicos della, das Latitudes, e Longitudes dos lugares notaveis com confluencias dos Rios, fontes delles, Cabos dos Promentorios, ou sobre a Campanha, ou sobre as margens dos Rios; as alturas destes montes humas determinadas immediatam^{te} pelos methodos Trigonometricos, outras pellas alturas dos Barometros, as diferentes escalas pello Termometro a que a Athmosfera se iguala com os Ventos q' sopraõ de S. de N. de L., a variação da Magnete, as Estaçoens do anno, tudo emfim q' faz o objeto do Observador Physico, e Astronomo, o nivel do leito dos Rios maiores deste contin^{te}, o Isthmo q' com passos forma huma Peninsula do Brasil entre Paraguay, e o Amasonas, q' desde a linha equinoctial em q' tem a foz do N.

[fl. 5]

Norte vay a outra vez aparecer aos 37° de Latitude e Austral[corte da folha] Ayres na boca do Rio da Prata, estes, e outros m^{tos} assumptos seraõ [corte da folha] de Memorias Particulares, sendo sempre de todos o interesse q' de a Cauza da Humanid^e na ignorância, e desamparo dos Indios q' se achaõ inda no estado em q' o P. Vieira os descreve e [corte da folha] verd^e de seo estilo, e seja-me licito usar das palavras daquelle [corte da folha] q^{do} fala das Povoaçãoens dos Indios, q' hoje se achaõ pella rapaci[corte da folha] rectores, pella mal entendida leberad^e dos Governadores, pella bruteza [corte da folha]al em q' os criaõ mais miseráveis do q' P^e. Vieira os deixou, dis elle[corte da folha] servia ali, entre as pobresas, e desamparos, entre os ascos, e as mizerias[corte da folha],

"mais inculta, da gente mais pobre, da gente mais vil, da gente menos gente[corte da folha] nasceraõ no Mundo; hua gente com q^m metteo tampouco cabedal al[corte da folha] com q^m se empenhou tampouco a arte e a fortuna, q' huma arvore lhe da[corte da folha] do, o sustento, e as armas, a Casa, a embarcação: com as folhas se cobrem [corte da folha]to se sustentaõ, com os ramos se armaõ, com o tronco de abrigaõ, e sobre [corte da folha] navegaõ"

mais que o P^e Vieira continua a diser tem p^r objecto a [corte da folha] e Despotimo dos Governadores, mas isso não he não he do meu assumpto. [corte da folha] [desgraçadam^{te}] q^{to} dizia dos Indios se verifica hoje m^{to} peor; porq' se he certo con[corte da folha] de duvidar-se que os Jesuitas na América Meridional se formavaõ [corte da folha] Império, e em Mato Grosso fiseraõ derramar m^{to} sangue atrav [corte da folha] Tropas Hespanholas, e os Indios a faserem a guerra ao Portugueses [corte da folha] do Ex^{mo} Conde de Asambuja, comtudo p^a os Indios eraõ em geral [corte da folha] q' os tractavaõ com o amor de Soberano, e hoje saõ tractados com a[corte da folha] Tyranos, e o desprezo de Condes Precarios q' não lhes importa o augo[corte da folha] Povo, q' eles não haõ de governar se não p^r

certo tir^o e assim so curar os fructos dhum beneficio <momentâneo>
precario; motivo p^r q' os Indios p[corte da folha]
[fl. 5v]

falta nos Jesuítas, inda q' o Estado ganhou socego na
eliminação delles, q' estes; mal pode-se fazer o bem aos Indios, q'
elles fasiaõ sem dar os cuidados ao Estado como eles justam^{te}
causavaõ. Esta pois seja a nossa conclusaõ q' os Indios saõ Homens
capazes de tudo se os educarem, pois q' o caracter proprio do
homem he nada saber, sem q' o aprenda, excepto chorar, não fala,
não anda, não come sem ser ensinado. Plinio de q^m esta observaçaõ
nos refere dos Anthropofagos de seo tempo na Tartaria, e dos mais
antigos na Itália, na Cecília; os sacrificios humanos feitos pela
Alemanha, o que depois na Descuberta do México dava toda a
Authorid^e aos Netos dos sacrificadores da Europa a tractar de não
Homens os Mexicanos, p^r q' jaziaõ na América o q' seos antepassados
fizeraõ na Europa; q^{ta} semelhança nos costumes, nas cabanas, nas
embarcaçoens, nos alimentos dos antigos Batavos com os Indios
presentes da América comtudo hoje temos inveja á industria daquella
Naçaõ, outros mil argumentos q' a vossa erudiçaõ vos offerece
provaõ a aptidaõ destes homens p^a todos os objectos da Societ^e
Civil; mas esta gloria de os tirar de os tirar⁵⁸ de taõ abatido estado
sera talvez reservada as representaçens deste Ilustre corpo; e se
nos somos responçaveis ao Ceo, e a Terra, aos Contemporaneos, e a
Posterid^e dos males publicos q' causamos, taobem o seremos do bem
q' podendo faser não fizemos, e o Homem he sempre o pr^o e mais
nobre emprego de nossos cuidados, pois tractando das comodidades
delles, tracta cada hum da propria; *Homo sum nihil humanum a me
alienum*⁵⁹.

[fl. 6, em branco]

⁵⁸ Repetição de palavras do autor.

⁵⁹ Eu sou um ser humano, nada do que é humano me é estranho. Frase de autoria do liberto Publio Terêncio Afro, dramaturgo e poeta romano nascido entre 195-185 a.C. e falecido por volta de 159 a.C., que a escreveu na obra intitulada Auto-Atormentador (Heaautontimorumenos) de 163 d.C.